

**FURAR O INFINITO: DO CLAUSURO À LIBERDADE
EXISTENCIAL NO LIVRO DO DESASSOSSEGO DE FERNANDO
PESSOA**

**PIERCING INFINITY: FROM CLOISTER TO EXISTENTIAL
FREEDOM IN THE BOOK OF DISQUIET BY FERNANDO
PESSOA**

**PERCER L'INFINI : DE LA CLAUSTRATION À LA LIBERTÉ
EXISTENTIELLE DANS LE LIVRE DE L'INTRANQUILLITÉ DE
FERNANDO PESSOA**

Daniel MILAZZO*

Resumo

Isolado na própria solidão. Confinado ao próprio eu. Enclausurado no infinito. O Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa, ilumina paradoxos a partir das noções e experiências de isolamento, confinamento e clausuro. Elas desembocam numa liberdade existencial que desafia a própria existência. Este artigo pretende mostrar como o estar “à margem” é uma condição para um olhar independente sobre o mundo — um mundo, diga-se, que não está pronto lá fora, mas constrói-se submetido à oscilante subjetividade do observador. O confinamento assume limites espaciais, conceituais e linguísticos, e configura ponto de partida para o exercício de uma peculiar e extrema liberdade: a liberdade de refutar a liberdade e a imperatividade do ser. Ao se desdobrar tais elementos, aproxima-se da concepção da existência articulada no texto de Pessoa. Uma concepção rebelde ao ser, que se revela afinada com o intraduzível sentimento do nada.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Livro do Desassossego, existência, liberdade, isolamento, clausuro, solidão, infinito.

Abstract

Isolated in his own loneliness. Confined in his self. Cloistered in infinity. The Book of Disquiet, by Fernando Pessoa, brings into light some paradoxes involving notions and experiences about isolation, confinement and cloister. They flow into an existential freedom challenging existence itself. This article intends to show how being an outsider works as a condition for an independent way to see the world — a world that is not ready out there; instead, it is build up under the observer's oscillating subjectivity. Confinement assumes spatial, conceptual and linguistic limits, meaning the

* dpmilazzo@gmail.com, Université de Montréal, Canadá.

starting point to a very particular and extreme freedom: the freedom to refute freedom itself and existence as an obligation and unique way. While we develop such elements we get closer to the idea of existence conceived in Pessoa's text. An idea which is rebel towards being, and which happens to stand pretty close to the wordless feeling of nothingness.

Keywords: Fernando Pessoa, *The Book of Disquiet*, *Livro do Desassossego*, existence, freedom, isolation, confinement, loneliness, infinity.

Résumé

Isolé dans sa solitude. Confiné à son moi. Claustre dans l'infini. Le livre de l'intranquillité, de Fernando Pessoa, illumine des paradoxes à partir des notions et des expériences d'isolement, confinement et claustration. Elles mènent à une liberté existentielle qui défie l'existence elle-même. Cet article entend montrer comment l'être « en marge » est une condition nécessaire pour qu'il y ait un regard indépendant sur le monde — un monde, doit-on le souligner, qui n'est pas tout prêt dehors, mais qui s'érige soumis à l'oscillante subjectivité de celui qui observe. Le confinement assume des limites spatiales, conceptuelles et linguistiques, et il devient point de départ à l'exercice d'une liberté autant particulière qu'extrême : la liberté de réfuter la liberté elle-même et l'impérativité de l'être. Le développement de ces questions permet un rapprochement de la conception de l'existence articulée dans le texte de Pessoa. Une conception rebelle à l'être, plus alignée à l'intraduisible sentiment du rien.

Mots-clés : Fernando Pessoa, *Le livre de l'intranquillité*, *Livro do Desassossego*, existence, liberté, isolement, claustration, solitude, infini.

Introdução

Isolamento, confinamento e clausuro são questões muito presentes no *Livro do Desassossego*, obra fundamental do escritor português Fernando Pessoa. Logo de início, vale ressaltar a natureza fragmentária dessa obra, a qual desafia a noção tradicional de livro, alinhando-se, em realidade, mais à sua antítese¹. Durante as duas últimas décadas de sua vida (Pessoa falece em 1935, aos 47 anos), o poeta escreve, tanto à mão quanto à máquina, centenas de fragmentos em prosa que ele pretendia um dia rever e organizar, embora tenha lhe faltado “coragem ou paciência para enfrentar a tarefa²”. Assim, este “amontoado de fragmentos que não é um livro³” oferece em sua forma póstuma¹

¹ *O que temos aqui não é um livro mas a sua subversão e negação, o livro em potência, o livro em plena ruína, o livro-sonho, o livro-desespero, o anti-livro, além de qualquer literatura.* (Zenith, Richard, “Introdução” in Pessoa, F., *Livro do Desassossego*, 11ª edição, ed. Richard Zenith, Assírio & Alvim, Porto, 2013, p. 13).

² *Ibidem*, p. 19.

³ Bréchon, R., “Le Livre de l'intranquillité” in Pessoa, Fernando, *Le livre de l'intranquillité*, 3ª edição, traduzido por Françoise Laye, Christian Bourgois éditeur, Paris, 2011, p. 8.

elementos que permitem pensar numa modalidade estética de isolamento. Cada trecho encontra-se afastado visual e tematicamente dos outros. Isso não significa, porém, que se estabeleça entre eles insuportável incoerência. Pelo contrário, através deste amálgama de pensamentos esparsos cria-se uma teia subterrânea capaz de dar suporte a uma afinidade estilística, intelectual, sentimental e existencial. Noutras palavras, os diversos trechos, lançando mão de diferentes recursos literários, alimentam-se mutuamente e agrupam-se em torno da incessante exploração das profundezas da alma, da inapelável relação com o mistério, do constante questionamento acerca da verdade da existência, e do sentimento de irreconciliável inadequação ao mundo. Não à toa, Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, semi-heterônimo² de Pessoa e a quem este por fim atribuiu a maioria dos fragmentos que compõem o *Livro*, posiciona-se à margem. Um isolamento imperfeito, no entanto, já que Soares tem um emprego, possui colegas com os quais interage, embora pouco, circula pela cidade, frequenta espaços públicos. A ênfase de tal isolamento está, portanto, muito mais no aspecto psicológico e simbólico do que no físico e geográfico. Emerge então uma solidão traduzida nada menos como condição do exercício da existência. Existência essa cujo motor é a busca do próprio sentido, busca que reivindica e faz uso da liberdade de interrogar tal existência até a beira do seu esvaziamento.

Pessoa desdobra a solidão como condição pessoal para se desfrutar da liberdade de observar, refletir, divagar, pensar sem amarras. O sujeito exerce inclusive o desapego ao pensamento necessariamente lógico, empiricamente calçado, ditado pela razão. Abre-se espaço para um pensamento que, sem nunca se desvencilhar-se da consciência, deixa-se invadir pelo sentir, admite e incorpora tonalidades afetivas, chegando ao ponto de fundir-se com elas, tal um “saber pensar com as emoções e sentir com o pensamento”³.

¹ A primeira edição do *Livro do Desassossego* foi publicada em 1982. O único livro em língua portuguesa que Fernando Pessoa publicou em vida foi *Mensagem*, poema épico que exalta a história do Reino de Portugal e sua expansão ultramarina. *Mensagem* foi editado em 1934, um ano antes da morte do poeta.

² *É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade.* (Pessoa, F., *Teoria da Heteronímia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012, p. 280).

³ Pessoa, F., *Livro do Desassossego*, 11^a edição, editado por Richard Zenith, Assírio & Alvim, Porto, 2013, p. 154 [trecho 131].

Ao mesmo tempo, o inevitável confinamento ao próprio eu, isto é, ao prisma de uma subjetividade, demanda um olhar ensimesmado que propicia e culmina na implosão do eu. Este eu, particularmente na literatura pessoana, abandona a ilusão de qualquer caráter uno para abraçar a multiplicidade¹. Desse modo, eis outra inversão reveladora: uma expansão psíquica oriunda de inicial restrição.

A concepção de clausuro também é subvertida no *Livro*, uma vez que se traça o paralelo com aquilo que normalmente seria seu contrário, ou seja, o infinito. Ao invés de agir como sinônimo de liberdade, de adeus à continência, o infinito é associado à ideia de clausuro, transformando-se em símbolo de uma opressão tão mais profunda porque irremediável. “Para onde pensar em fugir, se a cela é tudo?”², indaga Pessoa. Por conseguinte, instala-se o problema da libertação face a essa liberdade insuportável e existencialmente castradora. Pois, de semelhante maneira, o eu vê-se talhado pela obrigatoriedade de existir e de nisso enxergar liberdade, mas rebela-se reivindicando outra existência, a qual não se conforme às modalidades do ser. Assim, nasce com força o desejo de um desprendimento absoluto, o desejo de que “se encontre uma fuga para fora de Deus e o mais profundo de nós deixe, não sei como, de fazer parte do ser ou do não ser”³.

Solidão aberta

Fernando Pessoa tinha o hábito de fazer seus heterônimos dialogarem entre si. Tanto é que, por exemplo, o prefácio à *Poesia completa de Alberto Caeiro* é assinado por Ricardo Reis, quem cita a ajuda recebida por Álvaro de Campos para a escolha do título sob o qual foram reunidos alguns poemas de Caeiro, tido como o “Mestre” na constelação heteronímica. Levando-se em conta a já referida proximidade de Bernardo Soares com o próprio Fernando Pessoa ortônimo, não é de se estranhar que este tenha escrito um prefácio ao

¹ Entre os pesquisadores de Fernando Pessoa, é praticamente consenso que este criou 72 heterônimos (embora haja aqueles que sustentem haver ainda mais). Dentre eles estão Vicente Guedes e Barão de Teive, a quem se atribui alguns trechos do *Livro do Desassossego*. No entanto, isso é motivo de debate nos círculos pessoanos. Neste artigo, quando se fala da multiplicidade do eu, não entramos na discussão sobre a heteronomia nem a autoria dos trechos; assumimos posição semelhante à da edição de Richard Zentih, que admite Bernardo Soares como a voz do *Livro*.

² Pessoa, Fernando, *op. cit.*, p. 82 [trecho 43]

³ *Ibidem*, p. 82 [trecho 43].

Livro do Desassossego. Nas poucas linhas pretendendo reconstituir¹ o encontro, Pessoa traça brevíssimo perfil de Soares, do qual sobressai o isolamento social do ajudante de guarda-livros: “Nada o aproximou nunca nem de amigos nem de amantes”². Todavia, o desdobramento de tal isolamento mostra-se profícuo, já que Soares, “não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, soía gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também”³. Logo, o isolamento e a solidão têm por efeito criar condições para que Soares escreva, impelindo-o a um ato de sentido libertador: “E na mesa do meu quarto abrumado, reles, empregado, e anónimo, escrevo palavras como a salvação da alma”⁴. Ou seja, a solidão liberta. Ao invés de fechar espaços, ela os abre.

A escrita, enquanto ato solitário e consequência do isolamento, permite uma relação independente e original tanto com o mundo quanto consigo mesmo. Esse afastamento faz-se necessário para se enxergar com mais apurada clareza, para se enxergar além e de outro ponto de vista. Em suma, para se enxergar de outra maneira: “Pertença, porém, àquela espécie homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêm só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado”⁵. Soares põe-se então à margem não apenas do mundo, não apenas dos outros, mas à margem também de si próprio, perfurando assim o tecido do eu, identificando os pontos cegos dentro de si e dando luz a um vazio criador que incita a uma exploração sem fim.

Apesar do recuo diante do mundo, o eu não deixa de estar contido no mundo. Eu e mundo estão atrelados, estão misturados. Percepção e descoberta de novos enigmas vão surgindo mutualmente, tanto no eu quanto no mundo, já que um necessariamente participa do outro, e ambos se fundem numa confusão que dificilmente distingue o que é interior do que é exterior. Há, no entanto, certa primazia da esfera subjetiva, tal como aponta Antonio Tabucchi: “O olhar que percorre o *Livro do Desassossego* constitui ao mesmo tempo a percepção e a alteração dos dados da experiência: e o que reside fora do Eu e que o Eu torna seu não é senão o mundo exterior que *se metamorfoseia* em Eu”⁶. Isso fica claro

¹ Mais do que reconstituição, trata-se na verdade de uma constituição, já que é o texto em si que cria o encontro entre ambos.

² Pessoa, F., *op. cit.*, p. 45 [Prefácio de Fernando Pessoa]

³ *Ibidem*, p. 44 [Prefácio de Fernando Pessoa]

⁴ *Ibidem*, p. 53 [trecho 4]

⁵ *Ibidem*, p. 49 [trecho 1]

⁶ *Le regard qui parcourt le Livre de l'intranquillité constitue à la fois la perception et l'altération des données de l'expérience : et ce qui réside en dehors du Moi et que le*

em vários trechos do *Livro*, tal como neste exemplo: “Para quê olhar para os crepúsculos se tenho em mim milhares de crepúsculos diversos — alguns dos quais que não o são — e se, além de os olhar dentro de mim, eu próprio *os sou*, por dentro?!”¹.

Ou seja, o eu absorve o mundo enquanto o reformula e o incorpora até que aquilo que era exterior passe a participar da subjetividade e a compô-la, tornando-se também interior. Este ciclo é contínuo, pois este eu aberto ao mundo e em constante construção continuará absorvendo e reformulando o mundo, expandindo-o até onde alcança sua percepção.

Isso não significa, contudo, que o exterior seja todo aparência. O mundo exterior também resguarda essência, preserva mistérios. De certa forma, às vezes o mundo revela ocultar algo: “O ar é de um amarelo escondido, como um amarelo pálido visto através dum branco sujo. Mal há amarelo no ar acinzentado. A palidez do cinzento, porém, tem um amarelo na sua tristeza”². O eu age ao mesmo tempo como um interior servindo de caixa de ressonância ao mundo exterior e como participante à existência deste. A visão da confusão de cores leva a crer numa superposição de camadas, nem todas visíveis, embora presumíveis e imagináveis. Enquanto isso, a tristeza pode bem significar tanto a projeção do eu no mundo, quanto a influência do mundo sobre o eu, ou até mesmo a descoberta de uma interioridade naquilo que aparenta ser exterior. Nesse sentido, as referências cromáticas denotam uma intenção de dar um sentido, ainda que indefinido, ao que se vê.

Este eu tenta às vezes se desvencilhar do mundo para em seguida mergulhar nele, o que significa também um mergulho em si próprio. Tal efeito sanfona encontra eco no pensamento de Merleau-Ponty: “O mundo é aquilo que eu percebo, mas sua proximidade absoluta, assim que analisada e expressada, torna-se também, inexplicavelmente, distância irremediável”³. Existe então o imperativo de uma subjetividade que, incapaz de apagar-se ao ponto de assumir um papel totalmente neutro em relação àquilo que ela observa, deixa sempre um rastro, um pedaço de si,

Moi fait sien n'est autre que le monde extérieur qui se métamorphose en Moi. (Tabucchi, Antonio. *Une malle pleine de gens. Essais sur Fernando Pessoa*, traduzido por Jean-Baptiste Para, Paris, Gallimard, 2012, p. 99) [grifo do autor; minha tradução]

¹ Pessoa, F., *op. cit.*, p. 223 [trecho 215]; grifo do autor.

² *Ibidem*, p. 201 [trecho 189].

³ *Le monde est cela que je perçois, mais sa proximité absolue, dès qu'on l'examine et l'exprime, devient aussi, inexplicablement, distance irrémédiable.* (Merleau-Ponty, Maurice, *Le visible et l'invisible*, Gallimard, Paris, 1964, p. 23) [minha tradução].

expandindo-se dentro e através de sua própria solidão que lhe permite observar.

Ademais, o estar à margem oferece outra perspectiva sobre o mundo, sobre si, e também sobre a razão. Pois cabe destacar a construção quicá ilógica da ideia de estar à margem daquilo a que se pertence ao mesmo tempo em que se pertence à categoria daqueles que estão à margem. A rigor, difícil seria conceber no campo espacial, ou mesmo no campo abstrato, esta ideia de pertencimento ao não-pertencimento. Parece tratar-se de contraste aniquilador. Esses dois estados se contradizem, um não pode ser verdadeiro na presença do outro, isto é, a realidade de um anula a realidade do seu oposto. A princípio, o resíduo racional é apenas a constatação de um paradoxo. Porém, há algo mais. Lê-se o constante fugir (ou ser expulso) de um grupo, o qual vai crescendo, se dispersando e intensificando o isolamento — da multidão aos desgarrados; dos desgarrados à solidão do próprio eu; da solidão do eu ao descolamento desse eu, cuja coesão é posta em xeque. Tal ideia adquire força centrífuga, detonando assim uma experiência de expansão lógico-abstrata. O eu à margem não desprende-se totalmente da multidão à qual não pertence: aí está seu ponto de partida, seu lastro conceitual, mas o constante e acelerado distanciamento lhe permite uma consciência elevada da própria individualidade, a qual se estilhaça em inúmeros novos mistérios, em novos apelos ao infinito. O indivíduo vê-se à deriva dentro do próprio eu, um eu que já refuta limites, do qual só se consegue escapar indo ainda mais fundo em si próprio. “Somos dois abismos — um poço fitando o céu”¹, sentencia Pessoa.

O reconhecimento do abismo interior, do abismo exterior e dos “grandes espaços que há ao lado” traduz a consciência do vazio e a predisposição à experiência do nada. Por conseguinte, a solidão e o isolamento não configuram paredes fechadas, agindo ao invés como condição à descoberta de um espaço infinitamente aberto. Do qual, porém, não se pode fugir: “Um desespero de mim, uma angústia de existir preso a mim extravasa-se por mim todo sem me exceder, confunde-me o ser em ternura, medo, dor e desolação”².

O eu vê-se então preso a uma modalidade exclusiva de existência, à imperatividade do ser, mas resiste a sujeitar-se passivamente a uma modalidade de existência lhe parecendo imposta como opção única. Entre dois abismos, tendo-os ambos dentro de si, o eu vê-se confrontado ao Tudo e ao Nada, mas isso não o satisfaz. Vendo-se empurrado à

¹ Pessoa, F., *op. cit.*, p. 58 [trecho 11].

² *Ibidem*, p. 421 [trecho 479].

margem da própria existência, o eu percebe o apelo a outra modalidade de existência, externa à própria existência e, sendo assim, estranha aos seus imperativos.

Confinamento interior e exterior

Como já foi dito, o isolamento de Bernardo Soares, a voz do *Livro do Desassossego*, não é total. Soares não é um eremita, mas sim alguém que prefere a margem — ou para quem não se apresenta nenhuma outra alternativa.

O meu isolamento não é uma busca de felicidade, que não tenho alma para conseguir; nem de tranquilidade, que ninguém obtém senão quando nunca a perdeu — mas de sono, de apagamento, de renúncia pequena.

As quatro paredes do meu quarto são-me, ao mesmo tempo, cela e distância, cama e caixão. As minhas horas mais felizes são aquelas em que não penso nada, não quero nada, não sonho sequer, perdido num torpor de vegetal errado, de mero musgo que crescesse na superfície da vida. Gozo sem amargor a consciência absurda de não ser nada, o antessabor da morte e do apagamento.¹

O quarto onde mora Soares, tal como ele próprio, está ao mesmo tempo inserido no mundo e afastado dele, assumindo acepções tanto positivas quanto negativas. Trata-se de uma metáfora do paradoxo existencial. O trecho acima revela a vontade de um apagamento de si, a vontade de anular o próprio ser através da anulação de algumas ações que lhe são associadas e lhe definem ao lhe dar forma: o pensar, o querer, o sonhar. Não obstante, este desprendimento total parece impossível, pois encontra sua origem num desejo, isto é, num querer. Noutras palavras, Pessoa articula, através da voz de Soares, um genuíno desejo do nada, vazio em seu objetivo. Note-se, no entanto, que não se pretende abdicar da consciência. Pelo contrário, o que Pessoa manifesta é uma plena consciência de um estado contemplativo ciente da própria finitude, mas que pretende aprofundar-se na realidade das coisas sem um horizonte que lhes dê sentido. Como se o sentido da existência recaísse sobre a revelação da falta de sentido em tudo, inclusive na própria existência.

Dentro dos limites estabelecidos pelas paredes do quarto, há, contudo, uma fronteira: a janela. Eis um símbolo muito rico em significados, pois representa tanto a válvula de escape de um

¹ *Ibidem*, p. 410 [trecho 461].

confinamento quanto a brecha ao mundo exterior que justamente ratifica e evidencia o confinamento. Percebe-se claramente o efeito de abertura para o mundo: “Ainda, pela frescura aberta da minha janela única, se ouviam cair dos telhados os pingos grossos da acumulação da chuva ida”¹. É pela janela que o mundo entra, mas não só o mundo pertencente ao palpável, ao compreensível, ao mensurável. Essa abertura é muito maior:

*Do meu quarto andar sobre o infinito, no plausível íntimo da tarde que acontece, à janela para o começo das estrelas, meus sonhos vão, por acordo de ritmo com a distância exposta, para as viagens aos países incógnitos, ou supostos, ou somente impossíveis.*²

Interessante perceber que, da mesma forma que o desejo do nada não descarta a consciência, a percepção do infinito está fincada num lugar preciso e de características definidas (o quarto localizado no quarto andar). O eu que se abre ao infinito e conseqüentemente a todas as possibilidades de tudo está bem situado, o que lhe impede de se extraviar completamente numa esfera sobre a qual ele não possui nenhum domínio. A menção ao sonho, poder-se-ia dizer à capacidade de afastar-se da realidade imediata para imaginar outras, mostra que o infinito também compõe a interioridade daquele que observa; do contrário, qualquer noção do infinito seria invalidada.

Logo, a janela é igualmente passagem para a descoberta do interior — ainda que se trate, num primeiro momento, da descoberta de que o interior reserva áreas ocultas. A janela significa o expor-se ao não-controle: não se domina o que se vê através da janela, esteja ela voltada ao *lá fora* ou ao *lá dentro*. Assim, Soares usa a janela para admitir o não-controle de si próprio e reconhecer a amplitude do desconhecido que subsiste dentro de si: “E da janela para mim contemplo, espantado, os ocasos roxos, os crepúsculos vagos de dores sem razão, onde passam, nos cerimoniais do meu descaminho, os pajens, as fardas, os palhaços da minha incompetência nativa para existir”³. Claro está que o eu, além de não ser totalmente conhecido, se dilata à medida em que se toma ciência de tal desconhecimento. É um bater pernas sem fim dentro da “cidade feita da minha alma, perdida até [ao] cais à beira de uma baía calma, muito longe dentro de mim, muito longe...”⁴.

¹ *Ibidem*, p. 69 [trecho 29].

² *Ibidem*, p. 380 [trecho 421].

³ *Ibidem*, p. 365 [trecho 401].

⁴ *Ibidem*, p. 142 [trecho 114].

Existe, portanto, este descompasso inerente à própria subjetividade da qual não se escapa. Como se o eu não conseguisse sair de si, já que se defronta à vastidão de seu próprio interior, e tampouco consiga entrar em si, visto que em seu interior há uma falha fundamental impedindo uma concordância plena. Este eu, além de se transformar constantemente mediante sua relação com o mundo, se pulveriza e se dispersa: “Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim?”¹. Ou seja, ainda que o sujeito esteja irremediavelmente confinado ao próprio eu, esse eu é vasto, foge ao próprio alcance e é constituído por uma fissura irreparável quando se atinge a consciência dela.

Se do ponto de vista conceitual refuta-se a ideia de um eu uno, igual a si mesmo, Pessoa também busca declinar no uso rebelde da linguagem a dificuldade em compreender a natureza singular deste intervalo interior:

*Se quiser dizer que existo, direi “Sou”. Se quiser dizer que existo como alma separada, direi “Sou eu”. Mas se quiser dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de se criar, como hei de empregar o verbo “ser” senão convertendo-o subitamente em transitivo? E então, triunfalmente, anti-gramaticalmente supremo, direi “Sou-me”.*²

Neste trecho, dentro dos limites linguísticos, Pessoa consegue perverter a norma para representar sinteticamente o paradoxo deste intervalo que há no indivíduo. Isto é, o indivíduo não corresponde perfeitamente a si próprio. Por isso é possível *ver-se vendo a si próprio*. Estabelece-se então a ideia de um eu ao mesmo tempo como causa e consequência de si próprio, gerando questionamentos que apontam na direção de uma falha na condição do ser. A questão é exposta igualmente em termos cênicos: “Para criar, destruí-me. Tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena nua onde passam vários actores representando várias peças”³. Confinado ao próprio eu, o eu descobre-se vários, sobre os quais não possui controle, mas possui julgamento estético.

¹ *Ibidem*, p. 222 [trecho 213].

² *Ibidem*, p. 117 [trecho 84].

³ *Ibidem*, p. 290 [trecho 299].

Cárcere infinito

Se por um lado Pessoa articula a ideia de um infinito circunscrito aos limites do eu, o escritor português também procura abordar a questão a partir de seu paradoxo oposto, isto é, um infinito que cerceia, o infinito como clausuro. A noção de uma prisão fechada acarreta a ilusão de sua antítese. Ver-se compulsoriamente isolado do mundo transforma-se em condição para se imaginar o inacessível mundo d'além-muros. Por pior que seja, uma prisão admite a possibilidade de uma outra realidade, de um *lá fora*. Ora, um clausuro sem paredes, desprovido de limites espaciais, esvazia a possibilidade de um *lá fora* e refuta inclusive a noção de liberdade. Como já se está supostamente livre, nula é a liberdade de sair dessa liberdade instituída, de furá-la. Tal questão adquire contornos existenciais:

Ah, quem me salvará de existir? Não é a morte que quero, nem a vida: é aquela outra coisa que brilha no fundo da ânsia como um diamante possível numa cova a que se não pode descer. É todo o peso e toda a mágoa deste universo real e impossível [...]

É toda a falta de um Deus verdadeiro que é o cadáver vácuo do céu alto e da alma fechada. Cárcere infinito — porque és infinito, não se pode fugir de ti!¹

Pessoa manifesta a inadequação ao ser e a vontade (senão necessidade) de dele fugir. Percorrer os confins do próprio eu não satisfaz. Aliás, talvez a consequência seja a exacerbação da angústia de liberar-se de si mesmo. A descoberta do infinito interior não configura uma salvação: é mais um infinito de cuja totalidade se tenta escapar. A sensação de sufocamento aparece expressa, por exemplo, quando abordado o “cansaço da inteligência abstracta”, o qual pode ser entendido como a constatação dos limites da imaginação, das fronteiras do imaginável, misturado a uma desesperadora (embora não estridente) resignação. Tal “cansaço” é descrito como “um peso da consciência do mundo, um não poder respirar com a alma”². Na sequência do mesmo trecho, lê-se:

Mas este horror que hoje me anula é menos nobre e mais roedor. É uma vontade de não querer ter pensamento, um desejo de nunca ter sido nada, um desespero consciente de todas as células do corpo e da alma. É o sentimento súbito de se estar enclausurado numa cela infinita. Para onde pensar em fugir, se a cela é tudo?³

¹ *Ibidem*, p. 231 [trecho 225].

² *Ibidem*, p. 81 [trecho 43].

³ *Ibidem*, p. 82 [trecho 43].

Para Pessoa, essa cela infinita é a necessidade imperativa e impositiva do ser. Aparentemente não se pode optar por deixar de ser em detrimento de outra modalidade que não se adegue ao ser. A morte não é uma alternativa, pois significa o fim de uma existência, o capítulo final do ser, e o futuro ter sido.

É importante destacar que o *Livro do Desassossego* se furta ao atalho da transcendência, como expressamente dito neste excerto: “Pertença a uma geração que herdou a descrença na fé cristã e que criou em si uma descrença em todas as outras fés”¹. Sem enveredar pelo domínio do místico, a busca pela alternativa ao ser parece encontrar respaldo possível na experiência lúcida do nada: “Dormir! Adormecer! Sossegar! Ser uma consciência abstracta de respirar sossegadamente, sem mundo, sem astros, sem alma — mar morto de emoção reflectindo uma ausência de estrelas!”². Dada a dificuldade em se desprender totalmente do ser e de anular-se a si mesmo sem anular do mesmo golpe a própria consciência, uma saída se esboça na tentativa de anular o entorno. Dessa maneira, reduzindo o exterior (o mundo, os astros) a nada, isso poderia ter por desdobramento semelhante efeito na esfera interior (na alma), que ecoaria o vazio ao redor.

Conclusão

A busca existencial articulada no *Livro do Desassossego* talvez seja, em última análise, impossível. Não obstante, ela tem o mérito justamente de iluminar tal impossível. Essa busca não chega propriamente a um destino. Afinal, limitada à razão, à linguagem e ao ser que tanto refuta, ela cria representações daquilo que lhe é inalcançável, pondo em xeque inclusive toda postura objetiva: “cheguei por fim, também, ao extremo vazio das coisas, à borda imponderável do limite dos entes, à porta sem lugar do abismo abstracto do Mundo”³.

Cabe, portanto, admitir que o pensamento de Pessoa no *Livro do Desassossego* acerca da existência não se conforma a nenhuma solução definitiva. Ele aponta o problema, vagueia em torno de um núcleo misterioso, conceitualmente nebuloso, que esquiva definições claras. Coerente com o âmago conflituoso da voz do *Livro*, dos trechos é possível dizer que, se por um lado eles se veem constantemente confrontados à limitação de expressar diretamente aquilo que pretendem

¹ *Ibidem*, p. 294 [trecho 306].

² *Ibidem*, p. 157 [trecho 135].

³ *Ibidem*, p. 157 [trecho 125].

— à guisa de exemplo, a alternativa ao ser —, por outro lado eles manifestam e provocam um sentimento capaz de traduzir essa mesma angústia existencial. Ciente de que a linguagem que muito simplifica muito perde — sem contar o inevitável afastamento daquilo que tenciona representar — Pessoa justifica a ocasional opacidade de seu estilo, que, no entanto, ganha em genuinidade, ao preconizar “dizer o que se sente exatamente como se sente — claramente, se é claro; obscuramente, se é obscuro; confusamente, se é confuso”¹. Está dado o argumento de sua complexa prosa que, ora ergue-se impenetrável tal uma fortaleza, ora de tão etérea ascende e se esvai. É o preço a pagar quando se quer compartilhar reflexões capazes de elevar a consciência a outro patamar na relação com o enigma do ser: “O mais alto de nós não é mais que um conhecedor mais próximo do oco e do incerto de tudo”². Mais vale reconhecer a vastidão do mistério do que se conformar à pequenez da certeza.

Em resumo, quando se trata de questões que ultrapassam o entendimento, sobretudo aquelas que se aventuram a desvirtuar a senda existencial, nem tudo pode ser claro e compatível com a razão. Neste ato de rebeldia lógico-racional se desenha uma liberdade superior, elevando-se ao ponto de prescindir de qualquer liberdade. Porque, dentro da seara lógica, não é difícil de entender que a transmissão de uma ideia (e mesmo sua representação na linguagem) não raro só venha à luz na presença de sua contrapartida³. De forma que o conceito de liberdade nasce da falta de liberdade. A liberdade surge na prisão.

Texto de referência

Pessoa, F., *Livro do Desassossego*, 11ª edição, ed. Richard Zenith, Assírio & Alvim, Porto, 2013

Bibliografia

Merleau-Ponty, M., *Le visible et l'invisible*, Gallimard, Paris, 1964

Pessoa, F., *Le livre de l'intranquillité*, 3ª edição, traduzido por Françoise Laye, Christian Bourgois éditeur, Paris, 2011

Pessoa, F., *Teoria da Heteronímia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Assírio & Alvim, Lisboa, 2012

Tabucchi, A., *Une malle pleine de gens. Essais sur Fernando Pessoa*, traduzido por Jean-Baptiste Para, Gallimard, Paris, 2012

¹ *Ibidem*, p. 117 [trecho 84].

² *Ibidem*, p. 194 [trecho 179].

³ Ver *Le Cru et le Cuit*, Claude Lévi-Strauss.